

As mulheres do Concórdia: vozes e torcida no futebol de várzea

The Women of Concórdia: Voices and Fans in Amateur Football

Albio Fabian Melchiorretto

FURB, Blumenau/SC, Brasil
Doutorando em Desenvolvimento Regional, FURB
albio.melchiorretto@gmail.com

Juarês José Aumond

FURB, Blumenau/SC, Brasil
Doutor em Engenharia Civil, UFSC

RESUMO: O futebol acontece nos mais diferentes territórios. É uma prática que se desenvolve nos mais diferentes segmentos sociais. O artigo objetiva cartografar a experiência do torcer e da torcida de um time de futebol de várzea. Os dados da pesquisa foram gerados a partir de relatos orais de mulheres torcedoras, numa comunidade interiorana, de um pequeno município da região norte de Santa Catarina. A cartografia social, dada a partir de Deleuze e Guattari, foi o método de análise e a pesquisa está alinhada a partir da perspectiva do desenvolvimento regional. O time, pela voz das mulheres, além do jogo de futebol promovia um encontro social e foi o espaço referencial de lazer. O campo do Concórdia representou um espaço para o torcer e um território de resistência e de manutenção de um ideário herdado de imigrantes italianos em Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia social; Desenvolvimento regional; Futebol de várzea; Concórdia.

ABSTRACT: Football takes place in different territories. It is a practice that develops in the most different social segments. The article aims to map the experience of cheering and cheering of a amateur football team. The survey data were generated from oral reports of female fans in a rural community in a small municipality in the northern region of Santa Catarina. Social cartography, given from Deleuze and Guattari, was the method of analysis and the research is aligned from the perspective of regional development. The team, by the voice of women, in addition to the football game, promoted a social meeting and was the reference space for leisure. The Concordia field represented a space for cheering and a territory of resistance and maintenance of an ideal inherited from Italian immigrants in Santa Catarina.

KEYWORDS: Social Cartography; Regional Development; Amateur Football; Concórdia.

INTRODUÇÃO

O futebol tem um lugar de destaque no tempo presente e é uma prática esportiva universalizada. Na história, há relatos do jogo com bola, chutado pelos pés, visando encontrar um alvo, anterior ao desenvolvimento do *football* pelos ingleses.¹ Chineses, povos ameríndios, gregos, entre outros, praticavam algo semelhante àquilo que atualmente chama-se futebol. O modo de jogar dos ingleses, nos pátios das fábricas no século XIX, foi capturado, num primeiro momento, pelas elites; após difundir-se por vários países, foi e é praticado por todos os segmentos sociais. Há no futebol um conjunto simbólico significativo e intenso.² Com a expansão do capitalismo neoliberal, a partir dos anos de 1920,³ iniciou-se gradualmente o processo de profissionalização dos jogadores, mas isto não anulou as práticas não profissionais. Uma dessas práticas, o futebol de várzea, será o foco deste estudo.

A prática do futebol é associada à apropriação do espaço e à livre organização de grupos sociais. O futebol, de certa maneira, apresenta-se como a ocupação territorial que marca um encontro. A disputa do jogo ultrapassa as linhas do campo para registrar um encontro de afinidades, afetividades e uma formação identitária cultural. Toma-se, por exemplo, a formação de times, a partir da formação migratória, como o time do bairro italiano, o time da fábrica de sapatos, e assim por diante. Constitui-se um agrupamento de pessoas e identidades em torno da bola.⁴ Diante deste contexto, o artigo objetiva cartografar⁵ a experiência das torcedoras de um time de futebol de várzea, de uma localidade interiorana, do município de Massaranduba, Santa Catarina, ocupado por imigrantes italianos.

O time pesquisado é o Concórdia, que foi criado em 1965 e esteve ativo até 1979. Localizava-se numa comunidade ocupada por imigrantes italianos, chamada Braço Direito,⁶ onde um comerciante local mobilizou os vizinhos para criação de um time de futebol. Ele tinha a proposta de reunir os jovens nos domingos à tarde para

¹ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 15.

² FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 319.

³ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 51.

⁴ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 54.

⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 29.

⁶ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 43.

a prática do futebol, visando manter a comunidade unida. Neste tempo, alguns jovens já almejavam abandonar o interior em busca de melhores oportunidades nos centros urbanos.⁷ A cidade de Massaranduba, emancipada politicamente em 1961, carecia de espaços de lazer. A criação de um time de futebol, de certa forma, atendia a esta necessidade. O Concórdia, em suma, foi um time de futebol que proporcionava também um espaço de diversão, como pista de dança e serviço de alimentação.

Além das razões descritas, havia a possibilidade de levar o nome do município para outros lugares, e a iniciativa foi apoiada por políticos locais, que doaram inclusive a primeira bola e o primeiro conjunto de uniformes. Escolheu-se o nome Concórdia porque ele representava a ideia de união e harmonia entre os moradores da comunidade. Existe um município homônimo em Santa Catarina, mas não há relação entre eles. As cores do time lembram a bandeira da Itália: verde, branco e vermelho.

O Concórdia encerrou suas atividades no ano de 1979. Os relatos das vozes pesquisadas afirmam que o time não conseguiu renovar o quadro de jogadores e, gradualmente, o interesse local no espaço de lazer diminuiu, chegando ao seu fechamento. Os relatos sobre o Concórdia, aqui no texto, serão marcados entre o ano de sua fundação e o do fechamento, durante sua curta trajetória de 14 anos.

A pesquisa está ligada a um projeto de doutoramento que investiga as transformações do espaço rural diante do crescimento dos espaços urbanos. Ela se dá a partir de um programa de pós-graduação em desenvolvimento regional. As transformações espaciais que atravessaram o rural transformaram significativamente a história do Concórdia, como será demonstrado. O rural transforma-se territorialmente e altera o modo de vida das pessoas.

O desenvolvimento regional quer dizer muitas coisas. É um campo de estudos interdisciplinar que envolve abordagens da história, da economia, do urbanismo, da geografia, da ciência política, da antropologia, entre outros aspectos.⁸ As pesquisas, a partir do desenvolvimento regional, consideram, primordialmente, a dinâmica do desenvolvimento a partir do tempo, da territorialidade e do espaço. Dentro desta

⁷ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 87.

⁸ MATTEDI. *Pensando com o desenvolvimento regional*, p. 64.

perspectiva, reflete-se a intervenção humana no tempo e o comportamento social no espaço.

O futebol reelabora significados, memórias e expressões sociais que se afirmam coletivamente sobre os territórios.⁹ O Concórdia, além do jogo de futebol, promoveu um encontro social. Foi o espaço referencial de lazer para a comunidade local. Havia os bailes, as danças, o lugar de encontro em torno dos lanches e das bebidas, que eram comercializados. Para além da igreja da comunidade, o Concórdia foi, durante sua existência, o outro ponto de encontro dos descendentes dos imigrantes italianos, uma dinâmica que fortalecia a identidade e o envolvimento das pessoas. É por esses meandros, da dinâmica entre espaço e tempo, que será desenvolvida a cartografia que se propõe.

Para estabelecer a cartografia sobre a experiência do torcer, o artigo será estruturado em cinco seções. A esta introdução, segue a seção em que se apresenta o território conceitual; na terceira parte há a exposição da metodologia escolhida e como ela se integra com os conceitos mobilizados; na quarta seção, as vozes das mulheres torcedoras do Concórdia e o que cada uma delas desvela, e, por fim, a última, destinada ao que se costuma chamar considerações finais.

A TERRITORIALIDADE DA PESQUISA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica versa em duas questões. Primeiro sobre o conceito de território, e está ligada diretamente ao desenvolvimento regional, e a segunda, sobre o futebol, o elemento mobilizador do texto. Ao tratar do território, primeiro apresentar-se-á sua definição e a indicação do local da pesquisa; quanto ao futebol, se aponta o tipo de futebol que norteará a reflexão, e dentro desta categoria, o que significa torcer na vivência do futebol longe das esferas profissionais.

Quando se fala em território se diz muitas coisas. Poder-se-ia debater a ideia de território através da geografia, ou ainda, através da antropologia, como Haesbaert sugere.¹⁰ No entanto, para construção de uma cartografia social, opta-se por discutir a ideia de território a partir da geofilosofia deleuzo-guattariana. “O

⁹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 77.

¹⁰ HAESBAERT, *O mito da desterritorialização*, p. 43.

território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido, no seio do qual um sujeito se sente em casa”.¹¹

Há a materialidade do território que marca o espaço físico, mas também se considera a sua dimensão simbólica, que compreende aspectos culturais, políticos, econômicos, antropológicos, entre outros. O território é a materialidade física, mas também é a constituição das relações sociais, e como estas intervêm no meio. Para Deleuze e Guattari, é um espaço de multiplicidades.¹² O que significa dizer que o território é um lugar dotado de qualidades de expressão, que envolvem todos os seres, não apenas os humanos. Ele é um atravessamento de muitas forças. Assim ele se relaciona com as questões de natureza ecológica, com os aspectos sociais e culturais.

O território é o resultado de um devir, de um movimento das muitas forças, como resultante da multiplicidade de fatos e acontecimentos. Ele não é apenas um espaço físico, mas é a relação entre o meio e os organismos que aí-estão. O território, como Deleuze e Guattari entendem, não é só um lugar, mas é um espaço de construção, destruição e outras possibilidades. Para se realizar uma cartografia social, na perspectiva do território, são considerados os fluxos velozes e incessantes que perpassam a terra e as consciências daqueles que ali habitam. O território é uma grande experimentação da terra.

Deleuze e Guattari dialogam com Haesbaert quando refletem sobre o território. Há pontos de convergências e abordagens divergentes nesta possibilidade de diálogo. Ambos convergem na aproximação do território com as estratégias que olham as forças e os símbolos, que atuam sobre as dimensões, e sobre os movimentos constituídos. Divergem, é o que interessa para este texto, quanto à explicação das forças simbólicas no território. Para Deleuze e Guattari, as forças dar-se-ão através do caos e na formação de teias, enquanto para Haesbaert são movimentos dialéticos que compactuam com a ideia de rede.

Aqui pensa-se o território numa formação caótica. A rede é composta por nodos que unem as partes. Cada nodo é um ponto, e é uma interrupção que forma outra conexão. A ideia de teia assemelha-se à figura da teia de um aracnídeo. A teia se entrelaça parte sobre parte. Não há nodos de separação e conexão, mas há a

¹¹ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica*, p. 323.

¹² DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 23.

aproximação de fatos, acontecimentos e memória, minimamente consciente, isto é uma formação caótica em Deleuze e Guattari.¹³ O território, aqui na pesquisa, entende-se como uma teia dada a partir do caos revelado pelas vozes das mulheres do Concórdia.

O território onde se encontrava o Concórdia era uma cidade de pequeno porte, da região norte do Estado de Santa Catarina, chamada Massaranduba. Está localizada no Vale do Rio Itapocu, no corredor que liga as cidades de Joinville, Blumenau e Itajaí, que são as maiores cidades do estado. Conforme a expectativa do IBGE para 2022, o município possui uma população aproximada de 17 mil habitantes, com uma metade no espaço rural e outra no espaço urbano. É conhecida pela produção de arroz irrigado. Historicamente foi ocupada, no quarto final do século XIX, por imigrantes europeus, de diversas nacionalidades. Dentro deste contexto, os descendentes de italianos, que se instalaram na parte montanhosa, ao sul da cidade.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, o Censo de 1960, último antes da criação do Concórdia, mostrava que o município contava com 11.454 habitantes, desses, 10 mil viviam no rural. Já o Censo de 1980, o primeiro após o encerramento do time, mostrava que a população havia chegado a 12 mil habitantes, porém, 3,3 mil vivendo no urbano, uma população que triplicou durante 20 anos. O Concórdia conviveu com o êxodo rural como novidade e outra possibilidade para os moradores do Braço Direito, interior de Massaranduba.

Quando se fala do Concórdia, se fala do futebol de várzea. Para alguns autores,¹⁴ o futebol profissional é aquele no qual os jogadores o praticam em alto rendimento e recebem um salário pela dedicação exclusiva a ele. Quando comparado ao desenvolvimento inglês do *football*, o profissionalismo também serve como um eficaz dispositivo, no sentido de imbuir o trabalhador de senso de coletividade, de especialização, disciplina, hierarquia, competitividade e valorização do tempo cronometrado, uma analogia à fábrica.¹⁵ Se o futebol profissional está como um dispositivo de submissão, o futebol de várzea é uma forma de resistência.

¹³ DELEUZE; GUATTARI. *O que é filosofia?*, p. 92.

¹⁴ MARQUES; SAMULSKI. *Análise da carreira esportiva de jovens*, p. 104.

¹⁵ MASCARENHAS. *Várzeas, operários e futebol*, p. 86.

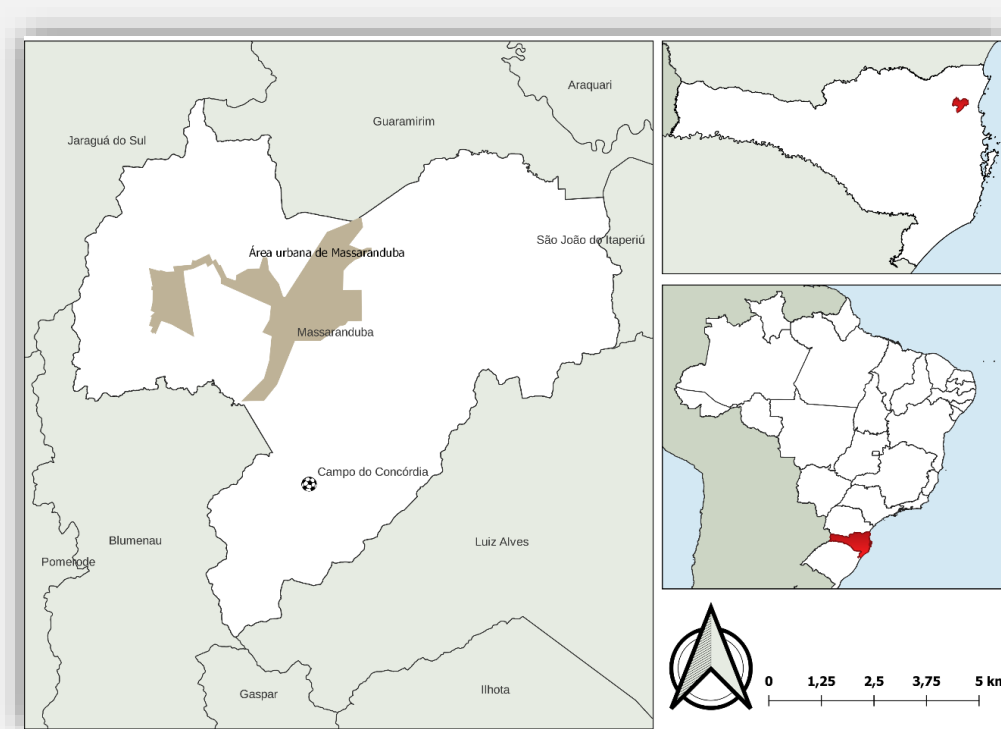


Fig. 1 - Localização do Concórdia. Elaborado pelos pesquisadores, 2021.

O Concórdia não praticava nenhuma forma de pagamento para os jogadores. A reunião dos atletas era uma formação identitária de um grupo de pessoas localizadas num mesmo território. De certa maneira, o jogar constituía-se, num sentido deleuzo-guattariano, em uma linha de fuga que subvertia a ordem do capital.¹⁶ Se o capital produz um agenciamento maquínico que desterritorializa o futebol transformando-o em negócio, o futebol do Concórdia prevê o lazer e a fruição como fundamento identitário.¹⁷ E este aspecto dava razão à existência do Concórdia, como time e espaço de encontro.

Diante das diferenças entre o futebol de várzea e o futebol profissional, o modo de torcer também se diferencia. Um clube de futebol profissional explora a paixão do torcedor. Ele motiva o consumo de produtos licenciados, propõe a adesão ao clube através de programas de sócio torcedor, entre outras iniciativas. O torcedor é visto como possibilidade para a geração de receitas. No futebol de várzea, há outra

¹⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*, p. 146.

¹⁷ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 82.

perspectiva para a formação do torcedor. A identidade de aproximação com o campo é que dá o tom para a experiência do torcer. O torcedor tem a ciência do distanciamento do futebol profissional e das competições. O elemento que o aproxima é o da identidade e do apoio àquilo que está envolto do campo.

A CARTOGRAFIA SOCIAL COMO TERRITÓRIO METODOLÓGICO

O artigo pretende desenvolver o objetivo proposto através da cartografia social. É uma metodologia que se diferencia da cartografia tradicional. Ela não trabalha com mapas estanques ou decalques, mas acompanha processos que se desenvolvem e acontecem na coletividade.¹⁸ É um dos vetores da multiplicidade apresentados por Deleuze e Guattari.¹⁹ O acontecimento na coletividade considera a multiplicidade através de três diferentes abordagens: a grupalidade, as formas de organização e a percepção que vai além das questões hierárquicas.

O processo desenvolvido com a cartografia é uma coprodução entre o pesquisado e o pesquisador. Daí decorre a importância da grupalidade no instante do acontecimento da pesquisa. Ela marca um encontro; de certa forma, o pesquisador se importa com o evento formando com ele uma teia. O coletivo é uma composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças de produção da realidade,²⁰ resultante da construção de um território de sentidos e significados. Cartografar é traçar um plano comum entre os entes envolvidos pela pesquisa e formar conexões.

O plano da pesquisa é construído na relação entre as múltiplas forças que atravessam o pesquisador e o pesquisado. Não é um evento distanciado entre eles, mas um encontro afetivo dado na multiplicidade de forças coemergentes.²¹ A pesquisa considera a dimensão política daquilo que aí-está e o mapeamento, num sentido deleuzo-guattariano, das relações sociais que aí-estão. O mapa é aberto, conectável

¹⁸ KASTRUP; PASSOS. Cartografar é traçar um plano comum, p. 265.

¹⁹ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 30.

²⁰ KASTRUP; PASSOS. Cartografar é traçar um plano comum, p. 270.

²¹ PASSOS *et al.* *Pistas do método da cartografia*, p. 18.

em todas as dimensões. Ele também é desmontável e suscetível a receber outras modificações.²² A cartografia social é uma categoria de pesquisa não estanque.

Em última instância, é uma análise da territorialidade que acompanha os processos de subjetivação. Ela busca perceber as linhas que atravessam um determinado território de multiplicidade. São forças constituintes daquele espaço que apontam as variáveis que atuam no recorte pesquisado. Ao mesmo tempo que a pesquisa não é estanque, ela é dinâmica, por ser processual e pautada em ações de grupalidade.

Antes da geração dos dados, aconteceram algumas conversas informais. O momento foi fundamental pela escolha das mulheres como vozes. Na prévia, os jogadores do Concórdia falaram do jogo, do time, mas contavam os fatos como se estivessem distanciados. As mulheres, no que lhes concerne, relataram detalhes do jogo e dos acontecimentos em torno do Concórdia com maior propriedade, para além do jogo. Havia ali uma teia, entre as muitas possibilidades vivenciadas. Não era apenas o jogo, mas as muitas coisas em torno do território do Concórdia. Pela teia construída optou-se por gerar os dados a partir das vozes das mulheres.

Os dados reunidos aconteceram por conversas guiadas por questões semiestruturadas. Após o momento prévio, reuniram-se, num domingo à tarde, em torno de uma mesa com café e doces, quatro mulheres que vivenciaram a história do Concórdia. Foi-lhes perguntado: o que significa torcer para o Concórdia? O áudio da conversa em grupo foi gravado e transcrito para a análise que será apresentada na próxima sessão. A grupalidade prevê a troca de saberes; a pactuação e o desenvolvimento crítico das lembranças e a constituição daquilo que se convencionou chamar Concórdia.

A roda de conversa, com elementos informais e questões semiestruturadas, promove um modo de falar mais livre. A roda de conversa aconteceu no outono de 2020. Considerou-se a capacidade de escuta, argumentação e acolheram-se os diferentes ideais, muitas vezes não hierárquicos, sobre o tema da pesquisa. Percebe-se, na adoção desta prática, um sentimento de cooperação entre os envolvidos.

Das quatro mulheres que compuseram a roda de conversa, duas foram escolhidas como rainha e princesa do time, no segundo ano de existência do

²² DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 30.

Concórdia, em 1967, ano de inauguração do salão de bailes. Outra foi a esposa de um dos fundadores do Concórdia e, por último, uma que participou como voluntária na cozinha que funcionava durante os jogos do time. Todas são descendentes de imigrantes italianos e sempre moraram próximo ao campo do Concórdia. O convite foi aberto a outras mulheres, mas estas foram as que se fizeram presentes. Para identificar as vozes, no texto, foram atribuídos nomes aleatórios a cada uma delas: Amanda, Carol, Fernanda e Jéssica.



Fig. 2 - Ocupação territorial atual.
Elaborado pelos pesquisadores, 2021, a partir de imagem do Google Maps.

A pesquisa do Concórdia nasceu tangencialmente a outro projeto. Ao investigar os processos de reterritorialização do rural, ouviam-se vários relatos de um time de futebol no interior da cidade. E nos relatos sempre o bom desempenho dos jogadores. Hoje o espaço ocupado pelo campo é apenas uma pequena lavoura.

AS VOZES DAS MULHERES TORCEDORAS

Uma ideia não representa apenas uma coisa, ela geralmente fala sobre muitas. Ela envolve o território presente, os símbolos e as várias forças que a atravessam.²³ Foi sobre as muitas coisas que as mulheres falaram. Entretanto, foca-se aqui as questões voltadas à torcida, como mencionado, a partir da questão: o que significa torcer para o Concórdia? As respostas estão divididas em duas variáveis: a primeira delas, a representação social do time, e a segunda, a vivência da torcida, e elas reflexivamente se entrelaçam.



Fig. 3 - Escudo e uniforme desenhados a partir do relato oral das entrevistadas. Elaborado pelos pesquisadores, 2021.

A primeira coisa que Fernanda falou foi da camisa. “Ela era de listras, verde, branca e vermelha, eu lembro bem, tinha o primeiro time, tinha o segundo time”, referindo-se ao time titular e o time de reservas. “A camisa era muito bonita, era homenagem à Itália, como também a bandeira”, foi assim que ela se referiu ao escudo. A comunidade onde o time foi criado foi uma porção de terra ocupada por imigrantes italianos, nas últimas décadas do século XIX.

O futebol, além da religiosidade, foi uma forma encontrada para manter vivos valores herdados. Entretanto, é preciso considerar que a visão do imigrante é o olhar de alguém que está no Brasil, há quase um século, na ocasião da fundação do

²³ DELEUZE; GUATTARI. *O que é filosofia?*, p. 83.

Concórdia, e mantém um certo tipo de identidade europeia. Não é mais o cidadão italiano, que em meio à pobreza partiu para o Brasil,²⁴ como também não se sente totalmente um cidadão brasileiro. Carrega consigo elementos imaginários de uma terra conhecida pela avó, pela bisavó e que lhe foram transmitidos oralmente. O Concórdia foi uma forma de manter tais ideias vivas. Fernanda afirma: “somos um pouco italianos também”.

O Concórdia, além do time de futebol, tinha uma forte representação social junto à comunidade. “Havia a rainha, antes do jogo se apresentava, era bonito”, diz Carol. Fernanda a interrompe, “a primeira escolha da rainha foi feita para inaugurar o salão, ficou rainha quem vendeu mais ingressos”. Amanda, um tanto ressentida, comentou: “eu só ia lá com as faixas, ninguém precisa de nós para nada. A gente só ia lá e pronto. Quando dava jogo, ficava lá, gritando, torcendo, junto”. Era uma rainha que não governa, mas acolhia o outro.



Fig. 4 - Rainha e princesa do Concórdia (1967). Foto compartilhada por uma das entrevistadas.

²⁴ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 12.

O torcedor do Concórdia é o torcedor do futebol praticado na comunidade. Não há uma relação de consumo, ou de sócio torcedor como fonte de receitas, uma prática adotada pelo futebol profissional. Ele está lá para apoiar o time, mesmo quando torcer não tenha relação apenas com o futebol. Na descrição de Amanda, para além do jogo, há o envolvimento, a participação e o estar com as pessoas da comunidade. A construção de uma identidade local é fortificada com a presença. A frase de Amanda diz: “a gente só ia lá e pronto”, há algo a mais do que o “só”. Existe um simbolismo que dá sentido de pertencimento a aquilo que foi construído. Talvez o futebol represente uma linha de fuga²⁵ diante do que se vivencia na vida interiorana de uma pequena cidade. Talvez o time seja uma janela para uma nova e outra perspectiva.

Gradualmente a representação do futebol tomou outros contornos, expandindo-se para a vida social da comunidade. Jéssica contou que “quando eu casei, fiz a festa lá no salão”. Carol lembrou das muitas festas, “fazia a domingueira, alegria para os jovens, era o que tinha”. De um campo, para um espaço de encontro para proporcionar momentos de lazer e encantos. “Todo mundo falava italiano”, diz Fernanda. O italiano a que Fernanda se refere é o dialeto de Vêneto, região norte da Itália. Os imigrantes que ocuparam a parte sul de Massaranduba, vieram na sua maioria da província de Belluno, próxima a Veneza e a Bérgamo.²⁶ A comunidade “do Concórdia” era composta na sua maioria por belluneses. O lugar do futebol transcende às quatro linhas, ele representa a metáfora da festa.²⁷

A segunda variável a ser cartografada é a torcida. “Era a única diversão que tinha aqui no lugar”, diz Carol. Torcer ultrapassa a proposição do jogo de futebol. Torcer é uma reunião social, mas também é uma linha de fuga diante das dificuldades de se estar como agricultor. Fernanda corrobora a ideia de Carol: “a gente trabalhava a semana toda, domingo, depois da missa, dava para descansar”. O trabalho na roça e na casa ocupa todo o tempo. O campo do Concórdia era uma saída da lógica da sobrevivência. Apresentava um espaço de esperança.

²⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 17.

²⁶ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 56.

²⁷ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 246.

As quatro vozes concordavam que o torcer era divertido. Pouco se falava do jogo de futebol e dos times, propriamente ditos, mas muito se falava da construção dada em torno do torcer. O ator de torcer cria vínculos emocionais.²⁸ “Quando vinha, vinha em tropa, daí quando eles chegavam perto, a gente atirava foguete, acolhia com a salva de palmas”, diz Carol ao tratar da chegada dos adversários. Torcer era importante e o respeito pelo outro que ali estava também. A tristeza se fazia presente num momento de ausência, “quando chovia a gente ficava triste, não tinha cobertura para gente acompanhar o jogo”, continuou Carol, e não quando o time perdia. A tristeza não estava ligada ao resultado do jogo, mas à prática do torcer e à construção coletiva que mobilizava para além das quatro linhas.²⁹

O campo do Concórdia era um gramado para o futebol, um salão para a dança e o espaço da cozinha e bar, tudo ao mesmo tempo. “Fazia pastel e cachorro-quente, ninguém sabia fazer no começo, se buscava uma cozinheira lá na Vila”, diz Fernanda. A Vila é o distrito da Vila Itoupava, em Blumenau, próximo ao bairro do Concórdia. Depois de algumas vezes as próprias mulheres aprenderam a fazer pastel e cachorro-quente. Completa Fernanda: “o Honório vendia cocada”.

Carol apresenta outros detalhes interessantes do serviço de bar. “Não tinha cerveja, mas tinha pinga, capilé, guaraná, laranjinha, dava uns trocadinhos para formar caixa”. Evidente que havia uma preocupação financeira, mas ela não era a força motriz do time. Mas, qual é o lugar do futebol nas vozes das torcedoras? Ele é o agente motivador da existência do ato de torcer, mas a representação social e o envolvimento com o entorno, de certa forma, transcende o jogo em campo. O papel das mulheres no Concórdia difere, em certo grau, das mulheres na história do futebol,³⁰ há um tipo de envolvimento. O futebol é da comunidade, embora os espaços possuam política de gênero evidente. Há quem jogue; há quem torça e quem cozinhe.

O Concórdia esteve ativo entre 1965 e 1979. Para Carol ele desmanchou depois que “formaram um time do Serrinha, aí também, muitos casaram e foram morar na cidade”. A fala de Carol demonstra que os interesses mudaram, e que não houve uma renovação entre os jogadores. Na medida que foram envelhecendo, o

²⁸ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 98.

²⁹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 82.

³⁰ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 200.

Concórdia não conseguiu mobilizar outros participantes. Amanda também aponta que quando “o presidente saiu fora, ninguém quis assumir, foi e foi até que desmoronou”. A gestão também não se renovou. As vozes de Carol e Fernanda relatam um tipo de política interna do clube.

Em nenhum momento da conversa as mulheres falaram daquilo que era exterior ao Concórdia. Eram os anos de chumbo da ditadura militar, também foram os primeiros anos de emancipação política de Massaranduba. Mas estes são elementos silenciados na voz das torcedoras. Em torno do Concórdia se criou uma estrutura comunitária fechada. O urbano se transforma,³¹ mas o Concórdia durante o tempo representou uma forma de resistência às mudanças. O Concórdia atuou na manutenção de um ideário de quem já não é mais imigrante e ainda não se sente totalmente brasileiro. As duas variáveis se entrelaçam na reflexão, na medida que o torcer demonstra as particularidades das manifestações culturais locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E OUTRAS ABERTURAS

O texto objetivou cartografar a experiência do torcer e da torcida de um time de futebol de várzea localizado na área rural de Massaranduba. O texto desvelou que torcer é um evento diferenciado, quando comparado aos grandes campeonatos e grandes clubes. O torcer sinalizou a ligação com a história dos antepassados, com a terra que ocupavam e vivenciou mudanças territoriais sociais. O futebol, para além do jogo, trouxe elementos de importância para o momento vivido, assim como relataram as vozes de Fernanda, Jéssica, Carol e Amanda. O Concórdia foi importante porque havia uma reunião de pessoas, provocadas pelo futebol, e além dele confraternizava-se com comidas, bebidas e o estar presente. Foi a alegria dos domingos porque havia um envolvimento entre os partícipes do Concórdia. Então, a experiência do torcer é, em certo grau, a experiência da afetividade da comunidade.

O término das atividades do Concórdia coincide, ou não, com mudanças sociais ocorridas na cidade. O Concórdia, como já mencionado, esteve ativo entre os anos finais de 1960 e a década seguinte. O período em Massaranduba foi marcado

³¹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 86.

por três grandes fenômenos desterritorializantes, que também foi retratado em escala nacional. O primeiro deles foi a emancipação política da cidade, em 1961, que representou para os bairros mais distantes um novo relacionamento administrativo. Os problemas locais, como abertura e manutenção das vias e a instalação da rede de energia elétrica aconteceram de modo mais eficaz. A autonomia administrativa tornou direta a relação entre pessoas e administradores, com uma dinâmica mais pragmática. Uma certa desburocratização na resolução de problemas.

O segundo e o terceiro fenômeno se interligam, o surgimento da agricultura em tempo parcial e o êxodo rural. Os dois passam pela instalação de indústrias nos municípios circunvizinhos. Num primeiro momento os agricultores deixaram de ocupar-se exclusivamente do rural para dedicar parte da jornada de trabalho às “fábricas”. Foi uma mudança que transformou a rotina de vida das comunidades interioranas. E gradualmente o êxodo de trabalhadores para o urbano cresceu. Começou-se a perceber que o urbano os aproximava das fábricas e lhes dava outras condições vivenciais. O agricultor ou ex-agricultor, e suas famílias, com outras ocupações e outros paradigmas de vida, deixaram de frequentar o Concórdia pois encontraram outros significados e atividades em outros lugares.

Se o campo e o ato de torcer representou durante um tempo um certo tipo de identidade social, agora com as transformações sociais em curso, o conjunto de significados evidenciou outras possibilidades. Houve uma mudança social para além do jogo. O futebol não é uma ilha diante dos contextos sociais e está ligado aos processos de reterritorializações. Embora não sejam citados verbalmente nas vozes das entrevistadas, eles surgem nas entrelinhas de cada interpretação factual narrada por elas.

Diante das vozes pode-se destacar duas aberturas reflexivas ao longo do texto. A primeira delas é a necessidade de espaços para o encontro social. A ideia de comunidade é marcada pelo encontro afetivo. Sem encontro, a comunidade fragmenta-se. O Concórdia marcou o espaço de encontros e de resistência frente aos fenômenos desterritorializantes do rural. Entretanto, a reterritorialização do espaço leva a outras duas aberturas, sendo a percepção das novas configurações. O trabalhador rural em tempo parcial e o êxodo rural provocaram a necessidade de se pensar outros lugares para o lazer. E, por decorrência, a necessidade de estabelecer

políticas públicas para pensar o lazer como uma necessidade social e espaço de encontros e construções significativas para os habitantes.

A criação do Concórdia, as atividades e o encerramento delas possibilitam refletir como os espaços de lazer são cuidados e descuidados no território local. Fazem pensar o conjunto de sentidos que existe em torno do campo e do torcer. A proposição do desenvolvimento não se limita às ações econômicas. Pensá-lo é uma prática integral que abraça os mais diferentes setores do território. Então, há um grau de importância para atividades do lazer, para rememoração dos eventos e o olhar para aqueles que estão deslocados das áreas centrais. Pensar o Concórdia é um exemplo da necessidade de se pensar o desenvolvimento de modo integral.

* * *

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Filô/Margens, 4).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 5v.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOS SANTOS, Alberto Luiz. Lugares do futebol no Jaraguá/SP: lógicas de organização, expressões simbólicas e tendências do futebol de várzea contemporâneo. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 75-95, 2020.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito das desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, ago. 2013.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 84–92, 2009.

MATTEDI, Marcos Antônio. Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 2, n. 2, p. 59-109, 2015.

OLIVEIRA, Didymea Lázaris de. **Por um pedaço de terra “Luís Alves”**: sua colonização a partir de 1877. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1997.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022